



O SURDO X A CAVERNA.

THE DEAF X THE CAVE.

Junior Rasbolt¹

Táisa Carvalho²

RESUMO: Sabemos que ninguém está disposto a fazer à mesma leitura, já conhecida de um mito. A repetição nos é confortante, a inovação, por sua vez, é confrontante. Tal conceito nos faz tornar um mito já conhecido com interpretações convencionais ou já esgotado, num novo contexto, numa nova interpretação, algo inusitado. A comparação da história da educação dos surdos com o Mito da Caverna de Platão, mostrando os acertos e erros neste percurso, as tentativas de anulação de identidade e as libertações ocorridas. E, por fim, apresentar a vida da Pessoa Surda, com o Bilingüismo Real, a percorrer “mares nunca antes navegados”, trazendo novas perspectivas contrárias às práticas vigentes, desde outrora até nossos tempos.

PALAVRAS-CHAVES: História da educação dos surdos, Mito da Caverna, Bilingüismo e Identidade.

ABSTRACT: We know that nobody is willing to do the same reading of a familiar myth. Repetition is comforting in the innovation, in turn, is confrontational. This concept makes us become a myth familiar with conventional interpretations or already depleted, a new context, a new interpretation, something unusual. The comparison of the history of deaf education with the Myth of Plato's Cave, showing the rights and wrongs in this way, attempts to invalidate the identity and releases have occurred. And finally, presenting the life of deaf people, with the Royal Bilingualism, to go "seas never before navigated", bringing new perspectives contrary to current practices, once provided to our times.

KEYWORDS: History the education about the deaf, Myth of the cave, Bilingualism and Identity.

¹ Acadêmico do Curso de Filosofia e membro do grupo de pesquisa Educação, Cultura e Cidadania pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Toledo. E-mail para contato: rasbold.rasbolt@hotmail.com.br

² Supervisora do Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais - PEE na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Toledo; Professora Efetiva da Disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS na UNIOESTE campus de Toledo; Especialista em Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela União Pan-Americana de Ensino – UNIPAN e Membro do grupo de pesquisa Educação, Cultura e Cidadania na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Toledo. E-mail para contato: carvalhotaisa@yahoo.com.br ou taicarvalho1@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Quando recebemos o convite para escrever um artigo e apresentá-lo na semana de educação da Universidade onde dedicamos nosso trabalho e estudos, sobre a educação dos Surdos, e você deve estar a se perguntar, o que tem isso a ver com a Caverna e ainda com a Alegoria de Platão. Vamos tentar explicar. Quando nos pediram para falar sobre a educação dos Surdos, sentamos e começamos a pensar sobre o sentido dessas palavras. Poderíamos fazer alguns comentários sobre a base da educação especial ou da surdez, mas num segundo momento de reflexão, as palavras não pareciam tão simples.

Almeida (1999) nos explica que os apreciadores fazem, quando de novo presenciarem a exibição de um mito, é apenas deter-se nas diferenças que distinguem aquela versão de todas as outras. Na verdade o interesse não está no que vai acontecer, mas como acontecerá. A ansiedade espera que aquilo aconteça de forma única e sensacional. E é por isso que em nosso artigo, vamos tentar apresentar uma reflexão teórica, com base na tradição clássica da filosofia e o histórico da Comunidade Surda e alguns esclarecimentos sobre identidade, as quais vão nos auxiliar a pensar nos desafios e problemas que são nossos hoje e eventualmente possamos encontrar formas de solução.

No entanto, quando começamos a ponderar sobre essas formas de abordar o assunto, nos foi notório que jamais chegaríamos a uma conclusão, o que podemos proporcionar-lhes será uma pepita de verdade para que guardem entre as páginas de seus cadernos de notas. Ao nosso alcance está oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante como “O Surdo precisa ser bilíngüe para atingir o objetivo e destaque em sua vida”.

Esquivamo-nos do dever de concluir sobre essa questão, mas para compensar, vamos fazer o possível para mostrar como chegamos a esse conceito. Talvez, se revelarmos as concepções e preconceitos que estão por trás dessa afirmação, vocês descubram que eles têm alguma relação com os Surdos/educação e outro tanto com a filosofia.

1. MITO E PLATÃO



O vocabulário grego Mythos significa narrativa, relato. Em Aristóteles, o mito é definido como uma trama de fatos. Outros autores ainda referem-se ao mito como sinônimo de fábula e nesse caso fábula é narração, alegoria, lenda, enredo, segundo o dicionário Aurélio. O filósofo renascentista italiano, Giambatista Vico (1979), acrescenta que a composição dos mitos foi o primeiro instrumento intelectual posto a serviço do conhecimento cumulativo, que permitiu a humanidade transpor os limites de uma existência animal e a evolução para a racionalidade e para a civilização.

Vico defende a hipótese de que os primeiros falantes foram poetas e cantantes, que o verso surgiu antes da prosa, o canto antes do discurso e todo conhecimento poético que resulta em narrativas exemplares denominada Mitos. Os mitos contêm ensinamentos e explicações. Em seu código alegórico a linguagem é repleta de símbolos que ocultam múltiplos significados, os mitos, especialmente os arcaicos, oferecem respostas para inúmeras inquietações do ser humano.

O Mito da Caverna ou Alegoria, narrado por Platão, o qual estará sendo analisado no decorrer deste artigo, é uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, em qualquer tempo para descrever a qualquer situação. Para o filósofo, todos nós, estamos condenados a ver a sombra a nossa frente e torná-la como verdadeira. Essa poderosa crítica a condição humana, escrita há quase 2500 anos atrás inspirou e ainda inspira inúmeras reflexões.

Entretanto, antes de apresentar a reflexão proposta, explanaremos sobre Platão. Ele nasceu em 428 a. C, numa família tradicional na política, seus interesses nesse aspecto iniciaram-se ainda na juventude e logo se tornou discípulo de Sócrates, por quem foi influenciado em sua filosofia.

Por volta de 387 a.C., já em Atenas, Platão fundou sua Academia, que era uma instituição de ensino que concebia o conhecimento como algo vivo e mutável e não como algo a ser decorado e passado adiante. A fundação da Academia é considerada um marco na história do pensamento ocidental. Durante vinte anos Platão dedicou-se ao ensino e às



suas obras. Desse período são os Diálogos considerados de "transição", como Fédon, Banquete, República, Fedro.

Em 367 a.C., Dion chamou Platão de volta à Siracusa: Dionísio I havia morrido e seria sucedido por Dionísio II. Platão viu nessa situação a chance de mudar os rumos políticos da cidade, ou seja, preparar o novo tirano para expulsar os cartagineses da Sicília. Essa segunda viagem de Platão foi fracassada, pois ele não conseguiu realizar seus intentos junto a Dionísio II.

Acabada sua tentativa de intervir na vida política de Siracusa, Platão retornou à sua Academia para retomar as produções. Essa última fase de sua obra pode ser considerada a fase do amadurecimento de sua filosofia, além de definir, definitivamente, as fronteiras entre o seu pensamento e o de seu mestre Sócrates. É nessa fase que podemos ver sua visão do mundo das idéias em sua plenitude. Platão morreu em 348 a.C. (ou 347 a.C.), cerca de dez anos antes de Felipe da Macedônia conquistar a Grécia. Para ele o conhecimento constrói-se a partir de uma junção entre intelecto e emoção. A ciência, o conhecimento são frutos de inteligência e amor.

2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Já apresentada nossas intenções e embasamentos teóricos, daremos início à análise da Alegoria com a trajetória da educação dos Surdos.

“Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um muro alto. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali, de costas para a entrada, acorrentados sem poder mover a cabeça nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo exterior nem a luz do sol, sem jamais ter



efetivamente visto uns aos outros nem a si mesmos, mas apenas as sombras dos outros e de si mesmos por que estão no escuro e imobilizados.”

Faz-nos lembrar facilmente, que na antiguidade os chineses lançavam os surdos ao mar, os gauleses sacrificavam aos deuses Teutes, em Esparta eram lançados dos altos de rochedos. Aristóteles ensinava que as pessoas quando nasciam surdas, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar.

Essas crenças comuns para época faziam com que os gregos não dessem educação aos surdos, e os mesmos viviam sozinhos, isolados e marginalizados. Os romanos os viam como seres imperfeitos, sem direito de pertencer à sociedade, era comum lançarem as crianças surdas ao Rio Tigre para que as ninfas cuidassem delas.

Em Constantinopla, eles podiam fazer algumas tarefas como: serviço de corte (alfaiate ou costureiro) e bobos de entretenimento do Sultão. A igreja católica, até a idade média cria que os surdos diferentemente dos ouvintes, não possuíam alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferirem os sacramentos. Foi na idade moderna que se distingue surdez de mudez.

Os primeiros registros de educação para Surdos foram por meio do Pedro Ponce de León, que fundou uma escola para surdos em Madrid, dedicou sua vida a ensinar filhos surdos de pessoas nobres da época e também a incentivar benefícios perante a lei, com preocupações somente econômicas até então. Ele utilizava um tipo de alfabeto manual, o qual foi desenvolvido por monges (nos mosteiros os monges faziam votos de silêncio, mas não conseguiam ficar sem se comunicar, então desenvolveram um alfabeto manual).

Famílias com boa situação econômica conseguiam educar seus filhos surdos, o restante era deixado em asilos em contato com os mais diversos tipos de pessoas, pois não acreditavam que pudessem se desenvolver em função da “anormalidade”. Para Salles (2004), toda essa trajetória social das pessoas surdas sempre esteve dialeticamente implicada com a concepção de homem e cidadania ao longo do tempo.



Aproveitando os ensinamentos de Léon, Juan Pablo Bonet escreveu sobre as maneiras de ensinar os surdos a lerem e a falarem por meio do alfabeto manual, proibindo o uso da língua gestual, optando pelo método oral. Já John Bulwer um médico inglês acreditava que a língua gestual deveria possuir um lugar de destaque na educação de surdos, foi o primeiro a desenvolver um método para se comunicar. Em 1712, iniciara o trabalho de Charles M. De L'Épée, primeiramente por motivos religiosos, porém houve grandes contribuições de seu trabalho como: - criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris; - reconhecimento do surdo como ser humano, por reconhecer sua língua; - adaptação do método de educação coletiva e por último o reconhecimento de que ensinar o surdo a falar, seria perda de tempo, antes deveria se ensinar a língua gestual.

No Brasil, a história da educação de surdos dá início com a vinda do professor surdo francês Ernest Hwet e a criação do Instituto Nacional de Educação de surdos, em 1857, hoje conhecido como INES. A abordagem utilizada era por linguagem escrita, articulada e falada, datilologia e sinais e a disciplina leitura labial era voltada para os tinham aptidão. A língua de sinais utilizada era a francesa e o trabalho de oralização era feito por professores comuns, não havia especialistas.

Um momento obscuro desta história foi o Congresso de Milão em 1880, no qual um grupo de ouvintes decide excluírem a língua de sinais para o ensino dos surdos, substituindo-a pelo oralismo.

3 A ANALOGIA DO MITO COM SITUAÇÕES OCORRIDAS DO COTIDIANO DO SURDO

Com o entendimento da parte histórica, mostraremos agora o desenvolvimento da pessoa surda a partir do trecho seguinte:

“A baixo do muro, ao lado de dentro da caverna, há um fogo que iluminava vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora sejam projetada como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de



fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres e animais cujas sombras também são projetadas nas paredes da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam”.

Essa leve luz que faz sombras projetadas nas paredes nos faz imaginar situações de um diálogo em casa, com os vizinhos, nas escolas e outros lugares, que o Surdo tenta acompanhar, mas não entende, porque não estão falando na sua língua ou passando a informação de uma forma que ele entenda, pois nós sabemos que mesmo que a família não aprenda a língua de sinais, eles desenvolvem gestos próprios para usar em casa. Quando qualquer pessoa não entende do que está se falando, o que acontece? Ela deduz algo, imagina algo e na maioria das vezes é que vai perguntar do que se trata, e você nos pergunta por quê? Medo, vergonha, é exposição demais, para o surdo são todos esses motivos juntos e ainda tem mais um fator abrangente, perguntas assim irritam a maioria dos ouvintes.

Conhecemos um surdo que estava em uma IES privada, um rapaz muito inteligente, nas aulas práticas não tinha melhor. Entretanto, sentia muita dificuldade nas aulas teóricas, por causa da língua portuguesa, o ensino que havia recebido nas escolas anteriores foi muito fraco, e também por ter muitos movimentos involuntários (síndrome de Tourette) não conseguia prestar atenção. Só que ao passar do tempo percebemos que a família tinha muita dificuldade em se comunicar com ele, ao ponto do pai pedir a intérprete pra que o orientasse a como se comportar em sala de aula, etc. Outro fator que nos impressionou fora que os pais exigiam dele o uso do aparelho nos dois ouvidos, sendo que o mesmo é surdo de nascimento, porque quando eles chamassem, o mesmo tinha que ouvir.



Salles (2004) acrescenta que essa realidade de fracasso é enfim o resultado de uma gama complexa de representações sociais, sejam históricas, culturais, lingüística, política, respaldados em concepções equivocadas que reforçam práticas em que o surdo é condicionado a superar a deficiência, buscando tornar-se igual aos demais. Com essa constatação da realidade apresentada surge o bilingüismo como forma de subsidiar a reflexão sobre a educação.

Mas o que realmente é o bilingüismo? Para Quadros (2005), o bilingüismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à pessoa surda duas línguas (língua brasileira de sinais e língua portuguesa) no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte do pressuposto para o ensino da língua escrita. No entanto, o reconhecimento dos Surdos enquanto pessoa surda e da sua comunidade lingüística estão inseridos dentro de um conceito mais geral do bilingüismo.

Porém, a realidade nos mostra que as escolas estão somente com projetos de bilingüismo, porque na prática, ou melhor, no dia-a-dia vemos que ainda o enfoque esta em qual linha a escola pertence, a oralista ou a sinalista, e o objetivo principal que é ensinar a língua de sinais e a língua portuguesa fluentemente para que a pessoa surda possa se comunica com propriedade e se desenvolver com uma perspectiva mais sócio-antropológica, não esta acontecendo.

Bilingüismo não é um método de educação. Define-se pelo fato de um indivíduo ser usuário de duas línguas, diz Fernandes (2002). O bilingüismo atua como uma possibilidade de integração do individuo ao meio sócio-cultural a que naturalmente pertence, ou seja, a Comunidade de Surdos e de ouvintes. Fernandes continua afirmando que educar com o bilingüismo é “cuidar” para que através do acesso a duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do individuo, nos quais a língua se mostra instrumento indispensável, sejam preservados.



O processo escolar deixa o objetivo de integrar o surdo à comunidade ouvinte, para que possamos ter o surdo bem integrado em sua própria comunidade e na comunidade ouvinte e os ouvintes integrados as duas comunidades. Com compromisso mútuo. Fernandes (2002) acrescenta que as línguas precisam ser respeitadas em sua integridade, que não haja interferência e uso de comunicação como bimodalismo (uso simultâneo da fala e sinais) ou português sinalizado. Isso também exigirá dos profissionais ouvintes o domínio da língua de sinais e dos surdos o domínio da língua portuguesa.

Nesse trecho vamos observar que:

“... um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la...”

É o Surdo que entende a situação a qual esta vivendo, ou seja, se usa libras ou língua portuguesa? O Surdo tem que falar ou não? O Surdo consegue viver sem a dependência dos ouvintes? E assim por diante. Só que ele não concorda com esta situação.

No próximo trecho:

“... fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões...”

Quando ele rompe com a influência ouvintista e toma decisões para sua vida sem esta **dependência** ou a dependência da escola especial.

“... de início move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e o escala. Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna...”

No momento em que são dados os primeiros passos, vai arrumar um emprego sozinho, vai fazer compras sem ajuda de outra pessoa e até namorar um ouvinte que não saiba sua língua. Ele sentirá todas essas sensações.

“... No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do sol, com o qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela



primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. Sente-se dividido entre incredulidade e deslumbramento...”

Em contato com a sociedade o surdo sente medo, certo estranhamento, pois sempre teve alguém que tomara as decisões por ele e agora não tem ninguém, será ele mesmo. É um tipo de associação do primeiro grupo que aparece, sem ser crítico, apenas deslumbramento.

“... ao permanecer no exterior o prisioneiro, aos poucos se habitua a luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de ver as próprias coisas, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar longe da caverna pra sempre e lutará com todas as forças para jamais regressar a ela...”

Ele percebe que tem o controle de algo antes não imaginado, a sua vida, e não quer mais voltar a forma antiga. Strobel (2008) diz que a cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar-se este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. É uma sociedade se adaptando a outra e vice-versa.

4 IDENTIDADE

No decorrer da história a probabilidade de alterações na construção da identidade da pessoa era variada, pois as mudanças pedagógicas estavam vinculadas as questões médicas, as quais acabavam imperando sobre as demais.

Nietzsche (1980) já dizia o homem que não quer pertencer à massa, precisa apenas cessar de estar conformado consigo mesmo, que ele siga sua consciência moral que conclama: ‘seja você mesmo!’ Você não é nada daquilo que faz agora, pensa e deseja.



Aquele que pretende viver por sua própria medida e legislação, precisa se responsabilizar pela direção da própria existência. Entretanto, como podemos encontrar-nos a nós mesmos, depois de termos nos perdido em um mundo de opiniões comuns, costumes, convenções e tradições? Como podemos sobressair disso tudo para vislumbrar alguns indícios de nós mesmo? O Surdo na realidade nunca soube o que era pensar por ele mesmo, sempre houve um ouvinte que fizesse isso por ele.

Não seria melhor o caminho da interioridade que Sócrates propôs, pois como conheceríamos o nosso interior se antes, faz-se necessário, nos desgarrar daquilo que antes julgávamos ser o nosso 'eu'. Temos que realizar a tarefa de encontrarmos nossa identidade.

Para Hall (2003) o próprio conceito de identidade é demasiadamente complexo, muito pouco compreendido na ciência social contemporânea, para ser definitivamente posto à prova. E depois disso tudo, você nos questiona, qual seria a relação disto com a comunidade surda? Isso esta voltado ao surdo que resolve sair da caverna, o qual realmente quer se encontrar. E também, percebera que a sua identidade esta sempre em construção e tudo que nos cerca e nos acompanha ao longo de nossa existência indiretamente faz parte dela.

E chamamos sua atenção para essa fala de Nietzsche (1980), tua verdadeira essência não jaz profundamente oculta em ti, mas imensamente acima de ti mesmo, ou ao menos sobre aquilo que costumeiramente tomas como teu 'eu'. A nossa verdadeira identidade não esta na profundidade de nosso ser, mas para o exterior, para as nossas afeições e experiências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... no entanto, não pode deixar de lastimar as sortes dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também...”

Um Surdo dificilmente é egoísta em relação a sua comunidade, sempre que aprende algo deseja passá-lo imediatamente aos outros, até porque é nessa comunidade que o mesmo mais utiliza a língua de sinais, interage e se identifica.



“... só que os demais prisioneiros zombam dele, não acreditam em suas palavras, e não conseguem silenciá-lo com suas caçoadas, tentam fazê-lo espancando-o. Se mesmo assim ele teima em afirmar o que viu e os convida a sair da caverna, certamente acabam por matá-lo. Mas quem sabe alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo a realidade?”

Quando este surdo volta pra seu grupo e explica que lá fora eles podem se comunicar, podem estudar e entender as conceituações empíricas da língua escrita. Afirma que todos têm capacidade, este Surdo é massacrado, marginalizado e satirizado pelo seu gueto. Strobel (2004) afirma que os sujeitos surdos não se diferenciam um do outro pelo grau de surdez, mas o que para eles é importante é o pertencimento ao grupo, usando a língua de sinais e a cultura surda que ajudam a definir as suas identidades.

Ao analisarmos todo esse processo de desenvolvimento do surdo, tentamos dar uma resposta para Platão no Mito da Caverna, “... mas quem sabe alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?”

Através do bilinguismo real os Surdos podem, com propriedade, pertinácia e dedicação, continuarem a libertação dos que ainda estão na caverna. A libertação não aconteceu totalmente, os Surdos estão desamarrados, mas não saíram da caverna, então ainda é possível a saída mesmo que eles não acreditem, pois não será o uso de uma ou outra língua que fará a diferença, mas sim, o uso de ambas. Wittgenstein (1980) declarou que “os limites de minha linguagem significam os limites do meu mundo” e “a lógica preenche o mundo; os limites do mundo são também seus limites”. Então a partir do momento em que o surdo entende que é o uso de ambas as línguas, língua de sinais e língua portuguesa (seja na escrita ou na fala, se o surdo tiver habilidade) ele conseguirá atingir o destaque e o objetivo de sua vida.



A grande sapiência dos homens não está em saber apenas por saber, mas no saber pela cultura. Assim aos Surdos também é vigente este pensamento, mas como ele é imputado na realidade da vida social ou acadêmica destas pessoas? Deveras, só por extrema dependência e falsa liberdade, é aos surdos permitido sonhar um sonho já sonhado, ou ainda um sonho emprestado, pra não dizer um sonho alheio, imposto a ele. Exemplarmente Dom Helder Câmara disse uma vez, “um sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho, mas um sonho que se sonha junto é uma potência”, assim aos Surdos por centenas de anos foi permitido apenas sonhar sozinho.

Noutra ponta deste bloco, colocamos Nietzsche, quando este Mestre fala em relação ao Sistema educacional alemão de sua época de docência, no que diz respeito à “liberdade acadêmica” *que acarreta (...) um distanciamento nocivo*” (Nóeli, 12), este distanciamento nocivo do qual fala Nietzsche de sua época ao ser analisado no nosso contexto representa fielmente a atuação dos métodos educacionais tentados na Educação dos Surdos, por isso o Bilingüismo Real é a “Cultura Clássica” do Ensino dos Surdos, é a verdadeira verdade para se educar para todo o sempre, sem a mediocridade e a acomodação.

Assim as considerações nietzschianas de seu tempo corroboram em nossa exposição na perspectiva de elevar a Cultura de modo natural, não impositivo. A etapa mais forte da Educação plena e real dos Surdos está justamente no quesito cultural, a diversidade com relação a maioria populacional lingüística. Por isso reforça-se o bilingüismo real e verdadeiro sem interferências nem arroubos súbitos por simples vaidade, mas por fato e por proporcionar a potencialidade dos indivíduos Surdos. Estar no processo bilíngüe significa estar em sintonia real em constante crescimento verdadeiro no sentido estreito de permitir-se e permitir aos outros aproximação, entendimento e inclusão.

Por isso, a principal questão não reside no que foi vivido e nem no que se passou, mas no que se prega e se discute na atualidade, e em vista da sapiência e liderança Surda bilíngüe de fato, assim a apresentação dos pensamentos e dos desígnios históricos da Cultura só permite somar para melhorar, mas tendo sempre em mente o verdadeiro Surdo, que permite aos outros a libertação, mas não consegue por vezes se fazer compreendido



entre os seus libertos. Isso não quer dizer, que a Obra não produziu frutos, não é fato que ficaram todos na caverna, mas saíram, uns milímetros, para perto da Luz, só esqueceram de agradecer a quem facilitou o entendimento deles e o assassinaram, isso acontece de forma igual, mas de morte social, de morte imposta por deixar o libertador com as mãos amarradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: a arte da memória**. Autores Associados, Campinas -SP; 1999.

DOM Helder. **Pensamentos**. Disponível em www.mp.mg.gov.br/extranet/baixararquivo.action?idItemmenu=14476 Acesso em 8 de junho de 2009.

FERNANDES, Eulália. **Surdez e Bilinguismo** - Leitura de Mundo e Mundo da Leitura. Disponível em: www.ines.org.br/bilinguismo Acesso em: 5 de maio de 2009.

MITOLOGIA GREGA VI [coleção] SP: Abril Cultura, 1973.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein – Os labirintos da linguagem/ensaio introdutório**. Moderna; Campinas – SP, 2000. (Coleção Logos)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**, II. Da superação de si. In KSA, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre educação**: tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Para além do bem e do mal**, aforismo número 211, 212, 231 até 284. In KSA, 1980.

QUADROS, Ronice M. **Bilinguismo** – disponível em : <http://penta2.ufrgs.br/edu/telelab/edsurdos/language.htm> Acesso em: 5 de maio de 2009.

ROBLEDO, Antonio G. Platón – **Los seis grandes temas de su filosofía**. Fondo de cultura econômica/Universidad Nacional Autónoma de México. México: 1982.

SCHILLING, Voltarie. **Platão**. WWW.educaterra.terra.com.br Acesso em: 01/04/2010.

STROBEL, Karen. **As Imagens do outro sobre a cultura surda**. Ed. Da UFSC; Florianópolis – SC: 2008



SALLES, Heloísa M. M. [et AL.]. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. MEC, SEESP, 2 v. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos) Brasília: 2004.

VALLANDRO, Leonel. Platão - Diálogos III- **A República** – Coleção Universidade de bolso. Ed. Ediouro. Tradução em 1987.

VICO, Giambattista. **Princípios de uma ciência nova**. SP: Abril Cultura, 1979.

WATANABE, Lygia A. **Platão, por mitos e hipóteses**: Um convite a leitura dos diálogos, Moderna; SP: 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Edições 70; Lisboa: 1980 – Tradução de Jorge Mendes (Culture and Value).